

Projeto incentiva criação de abelhas como opção sustentável

Marina Ramalho



Na ilha Grande, 14 espécies de abelhas buscam nutrientes em 105 tipos de flores

Preservação de espécies, educação ambiental e renda extra para a comunidade. Um projeto realizado na Ilha Grande, na baía de Angra dos Reis, estado do Rio, reúne todos esses ingredientes para salvar abelhas sem ferrão. Durante um ano, pesquisadores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) mapearam a incidência dessas abelhas e de determinadas flores na ilha — uma unidade de preservação da Mata Atlântica onde elas são abundantes, ao contrário de outras ilhas brasileiras. Em seguida, desenvolveram trabalhos de conscientização, incentivando moradores a criarem abelhas jataí como alternativa sustentável para a preservação local.

"Geralmente as abelhas são insetos odiados pelos indivíduos, mesmo quando as espécies não possuem ferrão. Por isso, é recorrente ver pessoas atear fogo nos enxames, sem saber que as abelhas são fundamentais para a manutenção de várias espécies florais", alerta Maria Cristina Lorenzon, coordenadora do estudo apoiado pelo edital Primeiros Projetos, da FAPERJ.

De acordo com a pesquisadora, existem cerca de 300 a 400 espécies de abelhas sem ferrão no Brasil, país mais rico do mundo em variedades desses insetos. Mas especialistas acreditam que, num futuro bem próximo, somente dez espécies poderão ser salvas da extinção. Sua preservação é importante devido ao papel fundamental que desempenham na cadeia biológica: fazer a polinização e garantir, dessa forma, a continuidade das espécies de flores de onde insetos e outros animais retiram seu alimento.

Por isso, durante todo o ano de 2003, a pesquisa da UFRRJ mapeou não só os tipos de abelhas, mas as flores nas quais elas forrageiam (captam seus nutrientes), para entender a relação inseto/planta. Com esses dados, é possível analisar quais espécies florais seriam prejudicadas pela extinção das abelhas e, em contrapartida, saber que plantas são indicadas para favorecer a proteção desses insetos.

Para capturá-los, a equipe teve que se adaptar à rotina das abelhas. Os pesquisadores acordavam de madrugada e caminhavam pelas trilhas, parando de flor em flor, para ver se as abelhas se aproximavam para captar néctar ou pólen. Quando os insetos chegavam e colhiam os nutrientes, eram capturados com redes e adicionados à coleção. Em seguida, os pesquisadores colhiam também a espécie floral.

A equipe detectou 14 espécies de abelhas *Apidae Eussociais*, grupo que se caracteriza por viver em colônias de até 100 mil indivíduos e possuir uma avançada forma de comunicação. Dessas espécies, 13 eram sem ferrão, as chamadas Meliponinas, que são abelhas nativas brasileiras. E apenas uma tinha ferrão, a *Apis mellifera*, abelha exótica, vulgarmente conhecida como "africanizada". Da abundância estimada na ilha, cerca de 80% eram do tipo sem ferrão, panorama incomum nos habitats tropicais, comumente dominados pelas abelhas africanizadas.

Os pesquisadores reuniram também 105 espécies de flores forrageadas pelas abelhas, mas estimam que este número chegue a cerca de 250, já que diversos fatores biológicos (chuva e vento, por exemplo) podem alterar o inventário. Tanta diversidade oferece uma dimensão do papel desses insetos na natureza, pois depende deles a continuidade dessas plantas.

Turismo na região pode comprometer condições de sobrevivência das espécies

Uma das mais belas da costa verde fluminense, a Ilha Grande é a mais assídua do Brasil em quantidade de turistas recebidos ao longo de todo o ano. Maria Cristina alerta que, se o turismo for feito de forma irresponsável, pode comprometer seriamente as condições de sobrevivência das abelhas. A urbanização inadequada, o lixo irregular, fogo, fumacê e desmatamentos também são prejudiciais.



Com o auxílio de redes, pesquisadores coletam abelhas que pousam nas flores



Na ilha, foi incentivada a criação das abelhas jataí, que não possuem ferrão e ainda produzem um mel de qualidade

Para envolver a comunidade no esforço de preservação das abelhas, a equipe de Maria Cristina fez palestras e painéis em escolas, reuniões e entrevistas em associações locais. A idéia era fazer com que a comunidade conhecesse as espécies existentes na área e aprendesse sobre a importância de sua preservação.

A equipe incentivou a criação de abelhas *Tetragonisca angustula* (jataí) como estratégia de conservação das espécies nativas. "Elas não possuem ferrão, são bonitas e muito mansas, além de produzirem mel de qualidade, que pode ser comercializado e gerar renda para os criadores", explica Maria Cristina. A comercialização de enxames também pode ser um bom negócio. O preço das colônias costuma

variar de R\$ 100 a R\$ 200.

Outra razão determinante para a escolha foi o raio reduzido de vôo. "Para criar abelhas no entorno da área de preservação da Ilha Grande, só são permitidas espécies que voem até 500 metros, para que elas não invadam a área sob proteção e alterem seu ecossistema", esclareceu.

O grupo de pesquisadores criou dois meliponários-escola, criadouros destinados à visitação pública e ao aprendizado sobre criação. Os interessados podem freqüentar cursos e ganhar um certificado ao final que os autoriza a criar jataís e os credencia a se tornarem monitores.

"Só é permitida a criação com autorização da universidade. Assim, temos segurança de que os criadores estão seguindo a nossa filosofia, de que a importância das abelhas não é só o mel, mas sua função polinizadora", disse a pesquisadora. Após um ano, 14 pessoas se formaram nas escolas. A idéia é expandir o projeto na ilha, abranger toda a Costa Verde fluminense e envolver um número cada vez maior de interessados.